

Relato de um impasse de pesquisa: Introdução à trajetória de Nando¹

Taniele Rui

Mas é mais fácil e ao mesmo tempo mais difícil estudar fatos que se desenrolam sob nossos olhos (...). Mais fácil porque a continuidade da experiência está salvaguardada, com todos os seus momentos e cada uma de suas nuances; e também mais difícil, porque são nessas raríssimas ocasiões que percebemos a extrema complexidade das transformações sociais, mesmo as mais tênues; e porque as razões aparentes que atribuímos aos acontecimentos nos quais somos atores são muito diferentes das causas reais que neles nos determinam algum papel.

O suplício do Papai Noel.
Claude Lévi-Strauss 2008: 14

Ao longo de nossas pesquisas, nós antropólogos muitas vezes nos deparamos com situações, eventos e/ou trajetórias pessoais e sociais que parecem escapar às diversas tentativas, frequentemente vãs, de análise. Quando isso ocorre, não é incomum gastarmos um bom tempo pensando, refletindo, olhando mais uma vez, olhando de novo e por outro ângulo, sempre em busca de apreender o que parece não caber nas nossas molduras interpretativas. Nesse processo, inúmeros textos ficam inacabados, repousam em algum arquivo de computador à espera do *insight* que permitirá ligar a experiência empírica ao debate teórico.

A trajetória de Nando² (ainda em estado bruto e descrita ao final desta introdução) é um desses casos de fracasso analítico. Também de fracasso político. Há pelo menos quatro anos, quando comecei a ordená-la, tento, de muitos modos,

¹ Agradeço imensamente a Patrícia Gimeno, Rafael Cintra, Marina Moreto e Carolina Bottosso, cujos comentários tornaram esse impasse maior. Me protegeram, assim, de análises apressadas. Desirée L. Azevedo me auxiliou na composição final.

² Trata-se de um nome fictício, visando preservar a identidade pessoal.

interpretá-la, sem conseguir uma forma que me pareça mais consistente, adequada à divulgação. Contudo, ao invés de ficar paralisada nessa busca, optei aqui, arriscadamente, por compartilhar com o leitor alguns impasses envolvidos nessa ambição malsucedida. Opto por essa forma inacabada porque acredito que, em si, a história de Nando merece ser lida e, no que ela tem de insolúvel, tanto em termos analíticos quanto políticos, residem muitos dos dilemas envolvidos na pesquisa e no trabalho com adolescentes em situação de rua, frequentemente autores de atos infracionais³.

De partida, explico que a minha relação com Nando é intelectual, afetiva e política e está além dos meus recortes estritos de pesquisa. Tenho mantido contato com ele desde 2003, quando atuava como educadora social de um projeto de extensão da Universidade Estadual de Campinas. Posteriormente, convivemos de maneira ainda mais intensa ao longo de minha pesquisa de mestrado (2005 e 2007) e segui observando-o entre 2008 e 2009, através de participação em atividades de programas de educação de rua e de atuação prática na capacitação a profissionais de abrigos específicos destinados a esse público. Às vezes ainda o vejo, do ônibus, quando passo pelo centro da cidade de Campinas. Nesse período de oito anos acompanhando o menino, a rede assistencial, a política municipal, a produção teórica sobre o tema e as reflexões se somaram, sem, contudo, estarem cristalizadas.

A trajetória que será apresentada não é nem completa, nem extensa. Compreende o período de 2003-2011. Para compô-la recorri a relatos de nossas conversas, registrados em meus cadernos de campo, e fui atrás de relatórios produzidos sobre Nando pelos serviços de educação de rua e pernoite protegido, que me autorizaram a pesquisá-los. Ela compreende mais suas estadas nas ruas e suas passagens pelas instituições de assistência e de privação de liberdade – o que, em alguma medida, me faz recair naquilo que Claudia Fonseca (2002) critica: meninos e meninas que estão nas ruas muitas vezes são pensados como se não tivessem laços sociais. Para quem trabalha com essas crianças e adolescentes parece mais fácil pensar assim, provoca Fonseca, porque isso facilita o trabalho, uma vez que “só” se lida com a criança e não com os adultos que estão com ela. Com isso, entendemos pouco sobre suas escolhas e sobre o que se passa em suas casas. Também entendemos quase nada sobre as instituições destinadas a atendê-los.

Desse modo, faço a autocrítica de que a minha construção dessa trajetória reproduz um *modus operandi* de recolhimento de histórias de vida realizado por muitos

³ De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, art.103), “considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal”.

projetos socioeducativos. Narram-se fatos do presente, pouco se sabe sobre o passado. O menino frequentemente aparece separado de todas as relações sociais que o circundam e constituem. Ainda assim, minha única defesa é argumentar que, ao explicitar esse formato narrativo, busco estimular a reflexão.

Cabe ainda mais uma palavra sobre a composição feita a partir de fontes tão distintas. Eu poderia observar cada um dos relatos produzidos por instituições específicas para promover um exame dos distintos tipos de políticas e projetos socioeducativos, visando mostrar modos diferentes de entendimento, atendimento e encaminhamento de seu caso. Mas não objetivo um julgamento a projetos específicos.

Me pareceu melhor observá-los em conjunto, pois, independente do encontro de Nando com uma ou outra instituição, é o seu destino trágico que sempre desafiou a análise. Obviamente, também essa opção tem problemas. Uma vez que produzidos a partir de uma diversidade de fontes e relatos institucionais, seria possível (ou mesmo justo) construir um encadeamento de fatos? Serviços criados muito tempo depois de Nando já estar nas ruas poderiam ser responsabilizados pelo desconhecimento de sua trajetória? Novos funcionários que tentam de modo bastante afetuoso se aproximar do menino poderiam ser criticados por aquilo que não sabiam? Não tenho respostas a tais perguntas, ainda que as considere bastante pertinentes.

Vamos a Nando. Desde os treze anos, o menino é visto circulando entre sua casa, a rua, as instituições de acolhimento e de privação de liberdade. Esse constante trânsito entre casa, rua e instituições de acolhimento tornava confusa a categoria de “menino de rua”, bastante problematizada pelos estudos acadêmicos⁴; já sua circulação entre casa,

⁴ A dificuldade de classificação ecoa na própria bibliografia sobre o tema, assim como na política de atendimento. Historicamente, a expressão “meninos da rua” apareceu no Brasil nos meios acadêmicos em 1979 (Ano Internacional da Criança), com o livro de Rosa Maria Fischer Ferreira, para referir-se “às crianças e adolescentes que vivem em situações de marginalidade socioeconômica na grande São Paulo” (Fischer Ferreira, 1979, p. 17) e que têm a rua como “espaço de trabalho, moradia, consumo e lazer” (idem, p. 76). Fazendo parte de uma literatura que surge na década de 80 (Guirado, 1980; Cheniaux, 1982; Violante, 1982; Luppi, 1982; Arruda, 1983) e que busca denunciar o contexto de exploração e maus-tratos que estas crianças vivem no interior das instituições, Fischer Ferreira explicitava a dificuldade de classificação que perpassava as crianças e jovens em condições de marginalidade. Estudos posteriores (Frangella, 1996; Adorno, 1999; Gregori, 2000; Fonseca, 2002) mostraram que o fenômeno mais recorrente e instigante dessas crianças e adolescentes não reside na sua estadia na rua; mas no fato de que circulam constantemente entre suas casas, a rua e as instituições. Como Gregori (2000) afirma, “os vínculos nunca se desfazem e o que existe é uma constante circulação”, ou, em uma frase ainda mais sintética, “estar na rua implica em ir pra casa de vez em quando”. Contraditoriamente, a circulação que os caracteriza é também o que impõe um dilema na sua classificação. Ainda nesse contexto, a expressão politicamente correta “em situação de rua” começou a ser usada para indicar que eles “estão **de passagem** pela rua, e são carentes das prerrogativas do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA): boa alimentação, saúde, escola, moradia, atenção dos pais.” (Frangella, 1996, p. 10). Em alguma medida a ideia de “situação de rua” pretendia dar conta do fenômeno da circulação e da passagem, além de expressar o

rua e as instituições de privação de liberdade e/ou de cumprimento de medidas socioeducativas tornava igualmente problemático apreendê-lo simplesmente pelas categorias legais de “adolescente infrator” ou “em conflito com a lei”⁵. Se a primeira categoria, em termos legais, lhe garante proteção; a segunda o torna objeto de sanções corretivas e/ou punitivas. Assim, na sua confusa dinâmica de circulação ele poderia ser visto pelos pesquisadores, pelos educadores ou pela justiça ora como um “menino de rua”, ora como um adolescente “em conflito com a lei” – o que resultava em encaminhamentos bastante distintos.

Buscar causalidades foi tarefa que, de antemão, eu também descartei: se a vivência nas ruas dava a Nando brechas e oportunidades para cometer práticas infracionais, tais práticas também faziam com que ele permanecesse ainda mais no circuito das ruas. A cada vez que saía da FEBEM⁶ dava mostras de querer deixar de frequentar tal circuito. Como isso não acontecia, ele ficava nas ruas onde, por sua vez, era muito difícil manter a regularidade proposta pelas penas de Liberdade Assistida. Ele constantemente era detido porque não cumpria “L.A.”. O tempo passou. Nando completou 18 anos. Foi preso em uma penitenciária, virou adulto.

A passagem temporal me provocou muitas reflexões. Especialmente pela ideia difundida, materializada em conceitos, de que os adolescente vivem presos na esfera do imediato, inebriados pelas ilusões da liberdade existente na rua e pela possibilidade de nela angariar recursos e relações. Vista no presente, é verdade que a fragmentação (Frangella, 1996), a circulação (Fonseca, 2002), o trânsito (Adorno, 1999) e a viração (Gregori, 2000) caracterizam a dinâmica de meninos e meninas cujas histórias se assemelham as de Nando. Porém, observá-los durante um período maior de tempo implica em considerar que tal dinâmica guarda consigo um aspecto bastante aprisionador, que dificulta as chances reais de saída. O presente é inconstante, cheio, atraente; o correr do tempo é perigoso, pode ser sem fim. Há, portanto, diferenças analíticas significativas dependendo do recorte temporal realizado.

desejo de que a estadia nas ruas seja provisória. Essa expressão é, no geral, a mais usada pelos executores da política pública.

⁵ “Trata-se daquele indivíduo que, tendo cometido infrações à lei e sido detido pela polícia, já foi julgado, condenado e encaminhado oficialmente pela justiça para o cumprimento de uma ‘medida socioeducativa’”. (Feltran, 2010, p. 215)

⁶ Utilizo a expressão FEBEM porque este era o seu nome à época. A partir da Lei Estadual 12.469/06, publicada em 23/12/2006, a FEBEM passou a receber o nome de Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA). A mudança de nomenclatura faz parte da ampla reformulação da política de atendimento da instituição. Para mais informações sobre a história dessas políticas, ver Pilotti e Rizzini (1995), Marcílio (1998), Passetti (1999).

Ao longo de toda a adolescência de Nando, eu também estranhei uma constante mudança na nomenclatura e nas propostas dos projetos socioeducativos e corretivos. A política toda mudara, projetos novos foram criados, os velhos ganharam outros endereços, enquanto Nando permanecera em sua circulação. Inicialmente, ao recolher elementos para compor a sua história, essa me parecia, enfim, uma boa discussão: a constante mudança de projetos contraposta à circulação aprisionante do menino. Lancei a hipótese de que, nessas transições políticas, o possível apagamento da memória das trajetórias dos adolescentes trazia sérias consequências à continuidade dos projetos socioeducativos, bem como ao próprio menino. Amparada em Hannah Arendt, eu imaginava que sem testamento *“parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado, nem futuro”* (Arendt, 1972, p. 31). Nesse sentido, lembrar sua história poderia ter tanto a pretensão política de oferecer um testamento, em forma de testemunho, quanto de refletir acerca da não existência deste. Sem passado, não há futuro. Na ponte entre os dois, está a importância da escrita.

Contudo, eu ignorava o fato óbvio de que muitos desses relatos eram produzidos justamente por executores/educadores/monitores que participavam de tais políticas e projetos. Tratavam-se de relatos feitos para usos internos, ou seja, eram escritos para eles mesmos, objetivando a comunicação da experiência. Não se tratava, então, de uma falta de escrita. A questão é que eles não eram lidos ou que, quando lidos, não impediam uma repetição das mesmas ações. Voltei então minha atenção para esses projetos.

Na fala dos educadores e de executores de medidas mais progressistas havia uma constante retomada dos discursos que enfatizavam a dinâmica intermitente e fragmentária da rua, o longo e penoso processo envolvido na tentativa de romper tais circuitos, a positividade que marcava as relações entre esses adolescentes, a rua como espaço também de criatividade e viração. Tais falas se contrapunham de maneira incisiva aos objetivos políticos de “limpeza urbana” e às questões de eficácia propostas pelos financiadores de projetos e pelos governos: quantos meninos vocês tiraram das ruas?, quantos meninos vocês conseguiram recuperar? Havia uma disputa pelos modelos e modos de atenção.

Mas também aí, mais uma vez, era necessário considerar que não é apenas de um campo de embates entre discursos e ideias que se trata. Em si, também tais projetos são marcados pela falta de continuidade. As propostas são sempre repensadas. Os funcionários rodiziam bastante. Ambos duram em média dois anos e, ao fim, o processo é sempre retomado, senão do zero, de uma etapa muito inicial. Em cada período, os

funcionários esforçam-se em construir relações de “vínculo”, bastante afetuosas – o que não deve ser desconsiderado⁷. Porém, de uma perspectiva mais estrutural, também essas relações são fugazes. E, além dos meninos, muitos educadores e funcionários adoecem e sofrem com essas contínuas rupturas.

A essa descontinuidade de projetos e funcionários somava-se o correr da vida de Nando, que estava bem longe de ser linear. O fato de ele ser pego cometendo um ato infracional em flagrante e levado para uma UIP (Unidade de Internação Provisória)⁸ só complicava qualquer iniciativa dos projetos educacionais. Às vezes era seu uso constante de drogas que fazia com que ele fosse encaminhado para tratamento. Em qualquer das duas situações, quando ele voltasse, muita coisa poderia estar diferente, inclusive ele próprio.

Junto com um amigo e companheiro de trabalho, Rafael Cintra, ex-coordenador de um programa de pernoite protegido, já chegamos a cogitar outra hipótese: na falta de continuidade das políticas, na impossibilidade de romper o circuito da rua, na vida que acontece a despeito disso, só restaria a meninos como Nando recorrer a uma proteção individual: desconfiar de tudo e todos. Afinal, as acusações de que meninos como ele são

⁷ A noção de vínculo já recebeu, por exemplo, a atenção de Gabriel Feltran (2010) no seu estudo sobre o CEDECA-Sapopemba e, mais especificamente, para entender o fluxo de atendimento, bem como a relação entre educadores sociais e os “adolescentes em conflito com a lei”. Nesse texto, Feltran mostra que a ideia de “vínculo” é a primeira de uma tríade (junto com “encaminhamento” e “rede de proteção”) que tenta aproximar as representações do “jovem favelado” a do “sujeito de direitos”. De característica ao mesmo tempo pessoal e profissional, o “vínculo” supõe idealmente uma relação desigual: na perspectiva do educador, teria conteúdos “técnicos”, que o permitiria manter um “distanciamento profissional” em relação ao atendido; na perspectiva do adolescente, estaria imerso em significações de “confiança pessoal” que o incitariam a se engajar nas atividades propostas. Assim, do ponto de vista do educador, trata-se de uma ideia que é pessoal e profissional. Pessoal porque é afetiva e profissional porque requer distanciamento. Por sua vez, do ponto de vista do adolescente, o “vínculo” seria uma relação de confiança estritamente pessoal: é a partir desta relação afetiva que ele se engaja nas atividades que lhe proporcionarão o acesso ao universo dos direitos, tratar-se ia, pois, do “primeiro passo do adolescente favelado rumo ao mundo público do direito”. Ou seja, no universo de pesquisa de Feltran, o “vínculo” é a condição elementar da relação. Baseado em conteúdos densamente pessoais, todavia, tem como pressuposto que a condição original entre educador e adolescente é a desvinculação e a desconfiança. A desvinculação (anterior e posterior) para o autor indicaria que dentro da “pedagogia do vínculo”, educador e adolescente estariam em universos sociais distintos. No que se refere à rede de atendimento da cidade de Campinas, as observações de Feltran não podem ser estendidas em sua totalidade. Penso que ela ignora algo que na minha experiência empírica não pôde ser desconsiderado: os educadores também, por muitas vezes, se perdem em seu papel de mediadores e/ou representantes do Estado e/ou do mundo público do direito. Aliados de participar de instâncias deliberativas, eles frequentemente ignoram os propósitos políticos de sua atividade e ficam imersos na busca de uma relação de “vínculo” com os adolescentes. Muitos deles, ao se depararem com as condições de vida desses últimos, adoecem física ou psicologicamente e chegam, em alguns casos, até a abandonar o trabalho. Ou seja, no contato direto com os adolescentes, também esses profissionais são seriamente afetados. A questão da distância merece, a meu ver, ser um pouco mais relativizada/problematizada.

⁸ A Unidade de Internação Provisória é uma instituição fechada para onde são levados os adolescentes que cometem algum ato infracional. Eles ficam lá num período de até 45 dias, aguardando a audiência judicial que decidirá seu destino.

difíceis e desconfiados e que, sobretudo, não “aderem” às propostas parecem sempre se sobressair.

Se isso também não podia ser tirado da análise, ao invés de responsabilizá-los, considerávamos mais interessante pensar que, para meninos como Nando, que estão há mais tempo na dinâmica intermitente e fragmentária da circulação entre as ruas e as instituições, e que, portanto, já aprenderam que os projetos começam e acabam, confiar neles e nos seus profissionais é uma aposta muito arriscada, que tem como final provável o abandono daqueles que assumiram tão intimamente um compromisso. Este abandono, adicionado a uma trajetória de perdas, transforma-se em mais um argumento da inexorabilidade da desgraça individual do menino.

De maneira catastrófica, eu completava assim minha sucessão de impasses. Minhas tentativas analíticas se moveram entre a crítica às políticas institucionais e aos projetos socioeducativos, entre pôr em suspensão a literatura antropológica que foca na circulação e viração de tais adolescentes e chegou, ao fim, a cogitar que nesse emaranhado de possibilidades é que surge o sentimento de desconfiança tão sentido por aqueles profissionais e pesquisadores que tentam se aproximar desses meninos. Havia, ainda, o dever ético de não responsabilizá-los pelo próprio destino.

Nada, porém, resistia à história que consegui coletar sobre Nando. Ela era sempre mais...

Nando

Em uma das atividades de rua que atuei, em outubro de 2003, conheci Nando. Treze anos, magro, muito pequeno, loiro queimado de sol, de olhos cor de mel, camiseta do São Paulo Futebol Clube, shorts e chinelo. Na ocasião, travamos uma conversa de quase meia-hora sobre o seu time, que na época deslanchava no Campeonato Brasileiro. Isso se repetia sempre que nos encontrávamos. As conversas sobre futebol nos aproximava e Nando ia ficando cada vez mais entrosado comigo e com os outros educadores. Sinteticamente, a proposta, então inovadora⁹ do nosso grupo era fazer

⁹ É importante dizer que, embora o trabalho fosse inovador na cidade de Campinas, é nesse mesmo período que surge a figura do educador de rua em outras cidades brasileiras – fruto sobretudo de propostas pedagógicas que começam a ser criadas depois da implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990. Como relatam Silva e Milito (1995), a respeito do Rio de Janeiro: “o sócio do menino, em sua plena expressão, tradutor de silêncios, instaurador de sua voz, articulador de seus itinerários tumultuosos, não tanto os da superfície da cidade, mas sobretudo os das profundezas de suas

atividades em espaços abertos, sem pontos fixos, seguindo a dinâmica dos meninos e meninas. Estendíamos uma colcha colorida em locais variados de acordo com a dinâmica dessas crianças e adolescentes e levávamos uma caixa com materiais como canetinhas, lápis de cor, papéis sulfite, crepom e dobradura, dominó, corda, baralho, massa de modelar, bola, miçangas, etc.

Para mostrar o envolvimento de Nando conosco e a própria metodologia do trabalho realizado, segue o relato de uma educadora, estudante de Letras:

[Nando] sentou e, falando que não sabia fazer nada, já foi logo se envolvendo. Colocando o fecho, cortando a linha ...Começando um colar de miçangas.

Quando lhe mostrei que havia um outro pingente de prancha de porcelana, os olhos brilharam...Parou o colar, colou o fio preto parafinado e começou outro...Fiquei incomodada, pois logo nessa hora o Antônio [outro menino] chegou, nos deu a mão e estava com o colar que havia feito na semana anterior. Pedi a Antônio que mostrasse a Nando o colar que havia feito. E explicasse como se fazia...

Para quê...o Antônio dominou o fazer do Nando...Começou e não parava...

E eu falava: Antônio, mostra para o Nando, ensina ele, Nando, cê ta vendo?

Aí uma hora tive que pedir ao Antônio que deixasse o Nando fazer um pouco.

Parece que há uma coisa forte de domínio e intimidação dos maiores para os menorzinhos...em todos os campos de relações.

O Nando ficou lá quietinho, já quase havia desistido de fazer o colar de prancha...Ele que ficou todo animado.

Mas voltou a fazer, e não respeitou a ordem que Antônio tinha imposto. Fez de outro jeito, mas não desmanchou. Ficou lá ...quietinho.... (Relato de rua produzido em 29.01. 2004)

Em alguma medida, essa aproximação ia de encontro ao objetivo do grupo: por meio da feitura de um colar de miçanga objetivava-se construir um “vínculo” com o menino que pudesse fazê-lo pensar sobre a rua e sobre si. Através de uma relação dialógica, que tinha como intuito estimular “reflexões e desejos de mudança”, o grupo também aprendia a respeito da dinâmica da rua e aprimorava sua técnica. Nessa atividade, por exemplo, ficava clara a intimidação cotidiana sofrida pelos menores.

Com mãe, três irmãos e uma casa para voltar, Nando passava os dias no centro da cidade de Campinas, tentando ganhar dinheiro no semáforo e à noite retornava para casa. O menino não frequentava mais a escola e seus principais amigos eram os garotos

subjetividades errantes, presente, claro e falante, é esse o novo personagem urbano: o educador de rua” (:149).

que tinham a rua como espaço de vivência e moradia. Seu caso provocava questionamentos no grupo e dividia os seus participantes, na medida em que nos lembrava da dificuldade de definir o público-alvo do projeto: os chamados “meninos de rua”. De maneira geral o grupo concordava que o foco central do trabalho deveria residir nos meninos que ficavam na rua praticamente o dia todo, os “estruturados” na rua, aqueles que nela construíam relações afetivas, comerciais e de lazer. Todavia, Nando, embora passasse parte do dia nas ruas e começasse a desenvolver um vocabulário, vestuário e práticas bastante próximos dos de seus amigos “meninos de rua”, voltava para casa à noite e tinha alguma relação com a família. De difícil classificação, não havia um consenso se ele era daqueles meninos que deveriam merecer mais (ou menos) atenção do grupo.

Ciente das discussões em torno da nomenclatura e das diferentes formas de habitar as ruas e para evitar que ela impedisse as nossas atividades, o grupo, mesmo se debatendo sobre isso, optou por trabalhar com todos os meninos vistos na rua e que quisessem fazer atividades, contudo, concentrando-se naqueles que lá estavam há mais tempo. Como ficava muito na rua, Nando era um dos que mais participavam das atividades do grupo nesse período. Aos poucos e durante nossos encontros, fomos descobrindo o quanto ele gostava de RAP e que tinha um irmão, que também ficava nas ruas. Acompanhamos o menino até fevereiro de 2004 até ele ser autuado por roubo e levado à UIP pela primeira vez.

Enquanto estava preso, Nando não presenciou a criação de uma Casa Aberta na cidade, incentivada pela prefeitura e amparada nos termos do ECA¹⁰. Sem a permissão de oferecer comida e banho (oferecidos por outro serviço), a “Casa” foi criada para funcionar como um espaço onde os meninos e meninas pudessem beber água, ir ao banheiro, escovar os dentes, comer as marmitas que compravam e realizar atividades de arte-educação promovidas no local. Funcionava das 8 às 17hs, de segunda a sexta-feira. No início de 2004, todos os funcionários trabalhavam 40 horas semanais. Ainda indefinidos em sua função, os educadores percorriam a cidade em busca de outros “meninos de rua”, faziam atividades ora em espaços abertos e ora na própria “Casa” e encaminhavam os adolescentes para outros serviços da rede assistencial. Uma psicóloga foi contratada e se encarregava de comparecer às reuniões da Prefeitura, fazer o

¹⁰ A história da criação da rede municipal de assistência às crianças e adolescentes em situação de rua da cidade de Campinas já foi feita com maestria por Malfitano (2008) e por Cintra (2008). Não é o caso de recuperá-la aqui.

atendimento individual dos meninos e, sempre que possível, tentava estabelecer um contato com a família deles.

Em abril de 2004, Nando acaba de sair da UIP e, em medida de Liberdade Assistida, volta para as ruas. Está mais gordo e o aumento do peso, para ele e para os amigos que comentam, indica que estava preso, comendo a “comida com salitre” da instituição, e que havia diminuído o uso de drogas. Usava tênis, vestia roupas limpas, estava de banho tomado. Dizia-nos que estava “dando um tempo” no crack e que passou quatro dias usando “só maconha”. Em atividade de arte-educação que realizamos juntos, ele escreve com desenvoltura a letra de um RAP. Ao vê-lo escrever tão facilmente, Manezinho, que também estava nas ruas, comentou: “é irmão, o mundo do crime não é pra você não”. Contou-nos ter frequentado a escola todos os dias na UIP e mostrou desejo de querer sair da rua. Nos quatro dias que seguiram a sua saída da UIP, Nando ficou na rua apenas durante o dia e arrumou dinheiro para dormir em algum hotel (pensões na cidade cuja diária custava por volta de 12 reais) – o serviço de Pernoite Protegido ainda não havia sido criado. Sem uma rede ainda estruturada que pudesse atender às suas muitas demandas e tendo que contar sobretudo com sua vontade de deixar a rua, rapidamente ele começa a ter um intenso contato com a “Casa”. Passa por lá todos os dias, “sempre na hora do almoço”, me disse a psicóloga, “acho que era o horário que ele acordava”.

A própria presença da “Casa” e seu funcionamento diário faziam com que os educadores estivessem mais perto do dia-a-dia dos meninos. Estes, por sua vez, utilizavam a “Casa” para os mais diversos fins, inclusive, para resolver pendências e brigas da rua, de que é exemplo o relato abaixo:

Aconteceram fatos muito preocupantes. (...) Só presenciei o primeiro (o do Rafa): o Léo e o Nando entraram correndo na sala do telefone quando a psicóloga e eu conversávamos (...) Eles disseram que o Rafa teve um envolvimento com uma travesti e que agora ele os perseguia, porque o provocaram. De repente chega o Rafa com um fio elétrico bem grosso, ameaça-os e vai embora. Em pouco tempo ele volta com uma faca grande, enferrujada. (Relato do educador, 15.06. 2004)¹¹

Sem conseguir levar seu projeto a cabo e mais à vontade na rua, já sabendo utilizar-se da “Casa” para proteger-se dos conflitos que provocava, Nando já tinha voltado a consumir crack. Seus tênis foram trocados por “pedra”, apresentava-se sujo,

¹¹ Ao invés de atribuir nomes fictícios aos funcionários da “Casa”, aponteí sua função.

com cabelos oleosos, muito magro. Depois de seis meses na rua, Nando foi detido novamente, quando pedia dinheiro na porta do supermercado Pão de Açúcar, segundo ele, porque queria comprar algo para o café da manhã. Os policiais “puxaram sua ficha” e estava anotado o descumprimento de “L.A.”. Foi encaminhado para a FEBEM depois de passar pela UIP. Mais próximos dele, os educadores o visitam. A “Casa” continua seu trabalho ainda em fase de implementação.

Após um ano, já há relatos de Nando na rua novamente. Nesses relatos, ele lembra “com consideração” do dia em que os educadores foram visitá-lo na FEBEM. Seu irmão também está nas ruas e os educadores relatam que Nando bate muito nele sempre que o vê usando drogas. Forma estranha essa de proteção. Seu irmão é mais velho, mas quem os vê junto tem a certeza de que Nando é o maior. Dados mais “concretos” sobre o menino começam a aparecer. Ele nasceu em 24/09/1990 e tem quarta série incompleta¹². A assistente social visita a casa da mãe de Nando, um barraco construído de entulhos de lata, sem banheiro; apenas com uma cama de casal e uma de solteiro para comportar a mãe e os quatro irmãos. A equipe, assim, entende porque Nando não gosta de ir para casa. “Voltar para onde?”, é o que todos se perguntam¹³.

Estou mais próxima de Nando. Indicando sua passagem pela FEBEM, o corpo ganha tatuagens: uma do São Paulo no braço, no pé tem escrito “amor só de mãe” e, em cada um dos dedos, uma letra do seu nome. Ainda tem outras três: cinco estrelas (quatro que formam um quadrado e uma no meio); um palhaço e uma índia. Ele diz que as cinco estrelas significam “matador de polícia”; que o palhaço significa “roubo” e a índia, “tráfico de drogas”. Pergunto se ele já fez tudo isso. Ele confirma com a cabeça e dá risada. Eu passo a mão em sua cabeça. Em meu caderno de campo há o seguinte relato:

Passei a tarde toda na Casa, embaixo do viaduto Laurão, sentada com Nando. Contamos o dinheiro que ele arrecadara no semáforo, conversamos e escutamos RAP. Enquanto a música tocava, ele mexia todo o corpo. Em uma música sobre rebelião na FEBEM, ele me contou

¹² Para uma análise da pouca escolaridade desses adolescentes e do porquê “meninos tão espertos têm dificuldades para ler e escrever”, ver Craidy (1998)

¹³ Makowski aponta para uma relação entre a casa que tinham na infância e a que fazem nas ruas: “al explorar los recuerdos y la memoria sobre la casa de la infancia de los jóvenes de la calle, en casi todos los casos se mencionaban construcciones muy precarias, pequeñas y en las que convivían, en proximidad con la situación de hacinamiento, muchos miembros de la familia. No había espacios para la intimidad, y en muchas ocasiones incluso se compartía la cama y las cobijas con hermanos. La precariedad material de las casitas que se arman en el espacio público, el hacinamiento, las distancias entre la vivienda y el baño, la proximidad de los cuerpos, el amontonamiento de cosas, y el compartir espacios y cobijas, hacen visible que la casa de la infancia y la casita en la calle están enlazadas material y simbólicamente. Este es el nexo con el pasado (...) que cada nueva instalación en un espacio reactualiza” (2007, p. 16).

da sua experiência na instituição, das pessoas que tinha conhecido, das atividades que tinha aprendido. Pediu pra jogar dominó, porque jogava muito quando estava preso. Me falou que precisava ter cuidado para não voltar para lá de novo. Tinha novidade: está namorando Paty, que chegou depois. Eu a conheci, ela também está na rua. Ficaram um pouquinho comigo, falei pra eles que estava contente com o namoro, eles saíram depois para cheirar tinner. (Relato feito em 06.03.2006)

Almoçamos juntos muitas vezes. Íamos a um restaurante próximo ou comprávamos marmitas e dividíamos. Como Nando não gostava de verduras e legumes, “só de carne”¹⁴, normalmente deixava a carne para ele e a namorada, ficava com as verduras e dividíamos o arroz e o feijão. Nando e a namorada tinham uma relação de cumplicidade grande: se gostavam muito, cometiam alguns furtos e usavam drogas juntos. Ele preferia ficar no semáforo mais tempo para conseguir dinheiro para os dois, mas não queria que ela fizesse isso. O fato de Nando não ensiná-la a usar o rodinho para limpar os carros que paravam no sinal provocava brigas homéricas que os faziam ficar de três a quatro dias sem conversar. Quando brigavam, era frequente o envolvimento dela com outros rapazes – o que ele considerava uma traição. Brigavam muito, mas se gostavam muito também. Trocavam tapas. Muitas vezes, Paty, assim que me via, vinha me contar de desentendimentos entre os dois. Adolescentes e vivendo a primeira experiência amorosa em tais condições, tinham os educadores, profissionais e pesquisadores (eu era tudo isso) como confidentes. Havia relatos de que ela se prostituía. A mim, ela revelou não manter relações sexuais com Nando, “só com ele que não. Eu gosto dele”.

Em abril de 2006, é registrada a sua primeira passagem no “Pernoite Protegido”¹⁵, serviço recém-criado, onde eles poderiam passar a noite. Entre as informações sobre ele, é relatado que, além da briga com Paty, ele também pedira para ser encaminhado na manhã seguinte para o tratamento de dependência química porque está usando muita maconha e crack. Porém, quando levanta no outro dia, Nando desiste de se tratar e volta para a rua. Nesse prontuário, há também registro de que ele já teria passado pela Comunidade Terapêutica da Associação Promocional Oração e Trabalho – Instituição

¹⁴ A respeito da importância da “carne” nas classes populares, ver Zaluar (2000).

¹⁵ “O adolescente Nando chegou no equipamento com muita fome e então foi servido o jantar mais cedo (para ele). Após o jantar, Nando pediu para fumar um cigarro dele e também pediu para conversarmos um pouco. Nando contou sobre Paty (que o traiu com outro adolescente). Segundo ele, ele bateu bastante nela”. (Prontuário de Nando em 05.04.2006)

Padre Haroldo (APOT), pelo abrigo Cidade dos Meninos¹⁶, pela Associação Fraternal de Apoio Global ao Adolescente e à Infância (AFAGAI), Casa Betel¹⁷, FEBEM e Pernoite Protegido. Nota-se, assim, um ensaio de mapear sua circulação. Acompanhei uma tentativa de Nando de começar o tratamento em uma Comunidade Terapêutica. Nando foi levado para uma sala, aonde foram explicadas todas as normas do local. Ao sair, ele se aproximou de mim e disse: “não vou ficar aqui não, tia, parece a FEBEM”.

Em maio, Nando e Paty são detidos. Ele fica novamente em uma Unidade de Internação Provisória (UIP), esperando julgamento e ela vai para a unidade feminina da FEBEM, em São Paulo. Em nova visita a ele, os educadores relatam:

O Nando fora preso uma semana antes da visita. Segundo ele, está lá apenas por quebra de LA (Liberdade Assistida). O seu irmão, também foi preso, mas solto logo em seguida. Não tivemos problemas para entrar, nada de revistas, perguntas ou longa espera. Em poucos minutos o trouxeram. Levamos uma carta que o Airton, que está em outra instituição, lhe escreveu e uma foto que tiramos durante uma rua, depois de muita insistência dele. Ele olhava todo felizinho para a foto e mostrou para as funcionárias. O coordenador leu-lhe a carta, cujo conteúdo era para dar-lhe uma força e mostrar que o Airton lamentava a prisão...

Durante boa parte do tempo ele encarnou um papel pronto com o discurso desgastado...chamava-nos de sr e sra... Depois que o coordenador disse que não havia a necessidade de sr e da sra, ele voltou a nos chamar de tio e tia...

Falou que queria arranjar um emprego quando saísse, para ajudar a mãe e etc... Mandou um 'salve' para os meninos do [viaduto] Laurão, perguntou pelos meninos que estavam lá ("eles mandaram um salve para mim, tio?") e perguntou pelo irmão. O coordenador lhe disse que seu irmão estava mal, usando cada vez mais drogas e roubando diariamente. Aparentando ser o irmão mais velho (que não é) mandou uma série de recomendações "Fala pra ele dar uma assistência para a minha mãe, senão eu vou dar um coro nele (...) Quando eu tava no mundão ele não tava usando pedra, não".

Depois de contar como fora preso e dizer que estava bem, perguntou da namorada. Ele sabia que ela estava presa em São Paulo. Lembramos da briga entre os dois, porque ela o traiu. Nando afirmou que não queria mais saber dela, mas retornou ao assunto mais algumas vezes. No fim da conversa, quando o coordenador lhe disse que iria visitá-la pediu para que não contasse que estava preso. Ficamos lá mais alguns minutos e depois partimos.

A saber, até aquele dia, segundo Nando, embora tivesse pedido, não tinha visto a assistente social que cuida do caso dele. (...) Ainda não tinha sido marcado julgamento. (Relato de visita feito em 25/05/2006)

¹⁶ Esse é um abrigo para crianças e adolescentes abandonados da cidade.

¹⁷ A Casa Betel é um abrigo provisório. É para onde vai qualquer criança e adolescente que precisa ser abrigada. Fica lá num período de 30 dias até que a casa se comunique com a Vara da Infância e Juventude e esta encontre o encaminhamento apropriado.

Em julho do mesmo ano ele já está na rua novamente. Por volta de uma da tarde o encontro num semáforo próximo à “Casa Aberta” e ele não conseguia ficar ali por causa do sol. Conversamos por quase três horas. Ele, mais uma vez, me falou da sua última estadia na UIP, do roubo que teria cometido e de como fugiu. Falou que lá “tinha comida do mundão”: três refeições por dia “cheia de salitre”. Atribuía a isso o seu aumento de peso. Depois começou a dizer que precisava se prevenir porque podia ser pego a qualquer momento. Dizia que ia voltar para casa toda noite e que desde que fora preso não fumava mais crack, “pra não desandar”. Só maconha. A cada saída de uma instituição fechada, Nando deixava clara a sua vontade de sair da rua. Se vangloriava de estar usando apenas maconha porque “ela não dá nada; é só pra ficar curtindo” e me disse que sempre fuma maconha com o seu irmão e que isso é muito legal. Pergunto o que ele mais gosta de fazer e, sem titubear, ele responde: “ficar andando pela cidade”. Rimos muito. Ele estava gostando da nossa conversa. Mesmo quando ia beber água, logo voltava. Em um momento Bia, que também ficava na rua, chegou pra conversar conosco. Nando começou a dizer que ela estava “marcando”, porque tinha família e não precisava ficar na rua. Ela respondeu: “quem você conhece da rua que não tem família?” E ele: “ninguém”. Ela falou: “então cala a boca”. Ainda conversamos um pouco sobre Paty e Nando só voltou para o semáforo mais tarde, lá pelas quatro horas, quando o sol diminuiu. Disse que queria dinheiro para comprar um “beque” e voltar para casa.

No fim de julho de 2006, a “Casa Aberta” mudou de endereço. Saía debaixo do viaduto e estava agora quase ao lado da prefeitura, num espaço maior e com mais estrutura. Sem ter mais o antigo endereço da “Casa” como referência, Nando fica nos semáforos de uma avenida conhecida na cidade, às vezes vai para o barraco da mãe.

Em setembro de 2007, de endereço novo e com a equipe toda renovada, leio o seguinte relato:

Na Casa nos informaram que ele [Nando] está numa fase muito sensível, está triste e não dá conta de fazer as coisas. Faz tempo que não volta pra casa. A família dele está muito preocupada. Todos eles já ligaram pelo menos uma vez na Casa pedindo notícias. Se alguém encontrá-lo, é legal tentar bater um papo, mesmo que não seja uma conversa direta, tentar reconfortá-lo. E, é claro, avisar o mais rápido possível a Casa. Se der para levá-lo até lá, melhor. O pessoal da Casa está disposto a acompanhá-lo ao COMEC¹⁸ (quando seu irmão estava mal, sentir pessoas queridas junto

¹⁸ COMEC é a sigla do Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas. Como parte da reestruturação do atendimento da Fundação CASA, que incluía a descentralização das atividades, o COMEC é o

dele foi algo que funcionou). É muito importante que ele vá ao COMEC por conta da Liberdade Assistida. O horário é terça, às 14h.

[No Laurão, Nando] Chegou ouvindo alguma coisa no walkman. Cumprimentou todo mundo e foi sentar fora da colcha. Chamamos para participar da atividade, mas ele não quis, disse que estava firmão ficando ali. Disse que não estava bem, então só queria ficar ali mesmo. Ficou deitado, com os olhos fechados e ouvindo o walkman. Dissemos para ele deitar no espaço da colcha, mas ele não se moveu. Quando os outros dois meninos foram embora o chamaram, ele em principio rejeitou a ideia de ter que sair dali, mas por fim se rendeu e foi com os outros meninos. Acho importante ressaltar o fato do Nando ter chegado e deitado ao lado da atividade, não participou, mas o fato dele ter se sentido à vontade para ficar ali sem fazer nada é algo muito importante. Não estava se sentindo bem, não queria fazer atividade, ele queria ficar ali. Quando o chamaram ficou na dúvida de ir ou não, acabou indo, cumprimentou-nos e foi... (Relato de rua feito em 17.09.2007)

Do ponto de vista dos novos educadores a chegada de Nando era importante para a construção de uma relação afetiva. Porém, o fato de ele estar, nesse período, já há quatro anos na rua, não pode ser desconsiderado. Um mês depois, o relato quase semelhante mostra o seu afastamento e a dificuldade que os educadores têm de conversar com ele. O mínimo desejo do educador, de fazê-lo participar das atividades, não dá conta de resolver o fato de que sua situação jurídica só piora:

Ele [Nando] está passando por um período muito difícil. Se conseguirmos conversar com ele, é legal dizer que se precisar de algo, a Casa está lá. Se não conseguirmos conversar, participar da atividade já vai ser uma respiração para ele frente a tudo que está havendo. A Assistente Social disse também que ele estava cumprindo medida no COMEC, mas que ele não estava dando conta. Acontece que, por conta disso, ele pegou mais seis meses de LA no COMEC, e continua não dando conta. Isso torna a possibilidade dele voltar para FEBEM muito grande. Mas ele ainda não sabe desses novos seis meses. Provavelmente lá no COMEC vão falar com ele sobre isso. (30.10.2007)

No final do ano de 2007, Nando participa da festa de Natal na “Casa” e dorme no “Pernoite Protegido”:

O adolescente Nando chegou no equipamento às 0:15hs. Ele estava na festa da Casa Aberta (confraternização de Natal). Ele veio ao

responsável, no município, por acompanhar o andamento das penas (Liberdade Assistida - LA e/ ou Prestação de Serviço à Comunidade - PSC) dos adolescentes que cometeram algum tipo de ato infracional.

equipamento acompanhado pelos educadores de rua. Ao chegar no equipamento, passou pela revista, foi encaminhado ao banho e foi dormir em seguida. Pela manhã, acordou 6:50h, tomou café logo após tomar banho. Falamos sobre o cumprimento da medida de Liberdade Assistida. Ele disse que saiu da FEBEM no dia 15/11 e está cumprindo LA. (Prontuário do Pernoite Protegido. Relato em 22.12.2007)

Em maio de 2008, um dos projetos mais uma vez completamente renovado, produz o seguinte relato:

Chegando no Laurão vimos o Nando fazendo sinal [pedindo dinheiro para os motoristas dos carros]. Cumprimentamos ele. Legal foi que dessa vez ele cumprimentou os membros mais novos do grupo primeiro. (...) Achei isso legal porque está se formando uma maior proximidade com os outros membros do grupo.

A princípio pensamos em jogar futebol com ele, especialmente porque estava muito frio e o Nando estava só na camiseta, bermuda e chinelo. Ele estava com muito frio, estava molhado também da chuva que estava tomando para fazer o sinal. Ele estava bastante preocupado em fazer um dinheiro para ir para casa. Nos disse que estava há dois dias na rua e que naquele dia iria para a casa, se cuidar para não pegar uma pneumonia. O Nando não se mostrou muito a fim de começar a jogar (...) Ele logo sentou na colcha e começamos a jogar dominó. Na verdade, apresentamos vários jogos (damas, xadrez), mas ele disse que só sabia/gostava de dominó. Durante o jogo conversamos bastante. Ele disse que tinha tentado ir dormir no Pernoite na noite anterior e não o deixaram entrar dizendo que ele tinha 18 anos. Ele ficou bravo porque todos lá sabiam que ele tinha 17, perguntaram se ele estava com documento e ele disse que todo mundo sabia a idade dele, não precisava ficar andando com documento por aí. Por fim, ficou um tempão esperando na chuva para entrar e não conseguiu. (...) Nando estava indo pra casa da mãe. Ele disse que as coisas estão tranquilas lá, ele não está mais jurado de morte porque pediu desculpas e conversou com o cara, que entendeu e o deixou em paz. Ele comentou, mas não lembro bem, que não estava gostando de ficar na casa da mãe, e que antes ele ficava na casa da irmã, mas o cunhado dele fez com que ele saísse de lá. (...) A conversa (...) veio porque o Nando disse que não ficaria na rua no sábado porque era dia de plantão de um PM que sempre batia nele (plantão dele é de segunda-feira e sábado/domingo). Que uma vez o PM pegou ele e mais dois e bateu feio em todos eles. Mas que o Nando sempre apanhava mais, pois estava sempre na rua. Falou que queria fazer quinze reais e ia para casa. Mas que estava difícil fazer a grana, com a chuva as pessoas nem abriam o vidro. Falou que à noite era bom trabalhar, ganhava uma grana grande dos boyzinhos que iam para a boate, que chegava a ganhar cinco, dez reais numa vez só. Falou que às vezes os boyzinhos não davam grana mas chamavam e pagavam um lanche. Aí o Nando falou “Claro né, sabe que o moleque vai comprar droga, então não dá grana, não! Sabe que não adianta, o moleque vai sair dali e comprar a droga”. Aí eu perguntei ao Nando se era isso que ele iria fazer com os R\$15,00 que queria conseguir. Ele disse que daria cinco reais para a mãe dele e, claro, iria comprar um beck para ele dando um sorrisinho de quem diz ninguém é de ferro. Depois de conversar bastante e jogar três partidas de dominó o

Nando se levantou e voltou para o sinal. Ficamos um tanto preocupados porque estava garoando e o Nando ia para o sinal, ele já estava com muito frio. Pegamos as miçangas porque lembrei que o Nando gostou bastante de fazer miçangas uma vez. Mas depois de um tempo ele subiu o viaduto, disse ao educador que iria comprar uma marmita. (30.05.2008)

A equipe se alegra por Nando parecer mais à vontade com os educadores novos. Ele, porém, reclama do fato de não ter sido atendido no “Pernoite”, onde costumava dormir às vezes, o serviço agora lhe pedira o documento e recusara o abrigo. Enquanto isso, informações novas aparecem: não estaria mais jurado de morte no bairro (o que ele teria feito?), se tornara alvo de policiais nos finais de semana. O dominó, que jogara tanto nos períodos de encarceramento, ainda é um atrativo.

Meses depois, é preso novamente. Logo sai. Em setembro de 2008, fez 18 anos. Continua na rua e os seus 18 anos o fazem virar alvo dos policiais. Se qualquer coisa acontecer, Nando será preso. Ele passa a ficar no semáforo mais próximo da “Casa Aberta”. Devido à maioridade legal, não pode mais dormir no “Pernoite Protegido”. Vai e volta à casa da mãe. Está cada vez mais magro. Usa bastante crack.

Num dos dias em que eu estava fazendo pesquisa na “Casa” (em outubro de 2008), Nando apareceu correndo e se escondeu ali dentro. Em seguida, apareceram dois policiais que estavam atrás dele. Rapidamente os educadores vieram mediar o conflito. Pediram para os policiais se retirarem da “Casa” e conversaram na rua. Nando sentou numa muretinha e, com a cabeça entre os joelhos, tremia. Alguns educadores o acariciavam, enquanto a coordenadora conversava com os policiais. Os policiais diziam que Nando não poderia ficar sem camisa, mostrando suas tatuagens no semáforo, porque isso ameaçava os motoristas. Os educadores disseram que conversariam com o menino. Enquanto vimos, os policiais foram embora.

Em dezembro de 2008 (dia 23), participamos de mais uma Festa de Natal. Nando me recebe na porta e orgulhoso me mostra o recorte que tinha feito para a decoração. Recortara, letra por letra, os dizeres: “Festa de Fim de Ano”. Ficamos junto até uma hora da manhã. Dessa vez, não poderia dormir no “Pernoite”. Nunca soube onde ele dormiu aquela noite. Depois disso, o vi algumas vezes na rua, mas não consegui mais conversar. Sempre que o vejo, ele diz estar de passagem e/ou que precisa ficar no semáforo para conseguir dinheiro. Recusa a aproximação, apenas me cumprimenta com um “oi” semelhante àquele dado aos que se conhecem “de vista”.

Recebi a notícia de que ele passou grande parte do ano de 2009 preso, tendo voltado às ruas no ano seguinte. A “Casa Aberta” foi fechada. A prefeitura achava que não valia a pena manter o serviço. Seus educadores passaram por maus bocados, muitos estão desempregados até hoje. Nando segue seus dias transitando entre a rua, a casa e as instituições penais.

E a vida continua....

Desnecessário terminar esse texto com algo que se assemelhe a uma conclusão. Como já escrito, a vida de Nando continua e as minhas reflexões ainda são incapazes de abarcá-la. Espero que, na incapacidade de alcançar uma trajetória completa (se é que isso é possível) e/ou uma interpretação convincente, ao menos eu tenha oferecido ao leitor a possibilidade de entrar em contato com o encadeamento cotidiano de uma vida que se desenvolve entre a rua, a casa e as instituições.

O pequenino Nando, ainda inseguro em sua confecção de um colar de miçangas, cresceu um pouco, cometeu travessuras, andou pela cidade, se divertiu, se tatuou, fez amigos, namorou, usou drogas, roubou, circulou por instituições, foi preso, aprendeu a ler enquanto passou pela UIP e pela FEBEM, inventou modos de ganhar dinheiro, arrumou confusões mais sérias, apanhou da polícia, ficou “de maior”. Acontecimentos que, para muitos, podem parecer desprovidos de significado e importância.

Fernand Braudel (1990) já se esforçou em ensinar, menos a outros historiadores (que sabem disso) e mais aos “colegas vizinhos” antropólogos e sociólogos, que o passado, numa primeira apreensão é, na maior parte das vezes, constituído por uma massa de pequenos fatos, alguns resplandecentes, outros obscuros e infinitamente repetidos. Mas essa massa não constitui toda a realidade, toda a espessura da história, alguns fatos têm consequências, que podem durar mais, outros são breves. Há uma pluralidade de tempos que precisa ser observada e a história é, ao final, a soma de todas as histórias possíveis.

Enquanto Nando passava de adolescente à jovem/adulto – importante lembrar que, no caso dos adolescentes nas ruas e em “conflito com a lei”, essas são categorias antes jurídicas que sociológicas – e enquanto vivia com intensidade todos esses acontecimentos, uma gama de outras temporalidades se desenvolvia. Havia o tempo da política pública para a infância e adolescência (que ainda se esforça em aplicar e ampliar



conquistas do ECA), o tempo dos projetos socioeducativos (que duram em média dois anos), o tempo rígido das medidas de Liberdade Assistida (dificilmente cumprido por meninos que estão em situação de rua), o tempo dos educadores (que têm de conhecer o adolescente e desenvolver uma proximidade), o tempo dos outros meninos (cujas histórias são também múltiplas), o tempo da cidade (caótico e sujeito a intempéries eleitorais), o tempo de sua mãe e de seu irmão (do qual tão pouco consegui saber), o tempo de Paty (com quem Nando teve uma forte relação), o tempo da minha pesquisa (um presente etnográfico) e, por fim, o tempo, ainda em movimento, desta minha inconclusa reflexão.

Pluralidade de tempos que dificulta a análise no momento mesmo em que nos mostra a importância de não olharmos os pequenos fatos em separado daqueles que imaginamos grandes. Se há algo de produtivo em tal impasse, é esse aprendizado.

Taniele Rui

Doutorado em andamento, PPGAS-Unicamp
Bolsista FAPESP

tanielerui@yahoo.com.br

Resumo: Este texto compartilha com o leitor impasses e dúvidas que durante quatro anos impediram uma visada analítica sobre a trajetória de Nando, descrita ao fim, apesar dos titubeios. Para compô-la, recorri a relatos produzidos desde 2003 (quando ele tinha treze anos), alguns por educadores de projetos socioeducativos, outros registrados em meus diários de campo. Ao narrá-la, viso esboçar um cotidiano e uma adolescência que se dão na circulação entre a rua, as instituições e a casa. Para além de um fracasso analítico, a trajetória de Nando revela também fracassos políticos. Por isso merece ser lida. Palavras-chave: criança e adolescente em situação de rua, projetos socioeducativos, antropologia.

Abstract: This paper shares with the reader questions and dilemmas that for four years jeopardized an analytic view of Nando's trajectory, which is described in the end, besides the hesitations. In order to write it, I relied upon reports produced since 2003 (when he was thirteen years old), by educators engaged in educational projects as well as in my field notes. With this story, I intend to show a day by day and an adolescence that take place between the street, the home and the institutions. In addition to an analytical failure, Nando's trajectory also reveals political failures. Therefore, it is worth reading. Keywords: homeless adolescent, social programs, anthropology.

Referências bibliográficas

- ADORNO, R. C. F.. Nem trabalho nem lazer: a rua como ameaça e atração na vida das crianças e jovens de classes populares. In: Westphal, M. F. et al (Org.). *O compromisso da saúde no campo do trabalho infanto-juvenil: uma proposta de atuação*. São Paulo: USP/FSP, 1999. p. 87-97.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972. 351 p.
- ARRUDA, R. S. V.. *Pequenos bandidos*. São Paulo: Global Editora, 1983. 175 p.
- BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: _____. *História e ciências sociais*. Tradução de Rui Nazaré. Lisboa: Presença, 1990. p. 7-39.
- CHENIAUX, Sonia. *Trapaceados e trapaceiros: o menor de rua e o serviço social*. São Paulo: Cortez, 1982. 90 p.
- CINTRA, Rafael Silveira. Antropologia, extensão universitária e políticas públicas: debate sobre a política para crianças e adolescentes em situação de rua em Campinas. In: Seminário Nacional População em Situação de Rua. UFSCar. VALENCIO, Norma; CORDEIRO, Angélica A. (Orgs.). *Anais: Seminário Nacional População em Situação de Rua*. São Carlos/SP, 2008. Volume 1, Número 1, p. 13-20. Disponível em <<http://www.senaposirua.ufscar.br/anais-do-seminario-1>>. Acesso em: 25 de julho de 2011. Ver em: <http://www.senaposirua.ufscar.br/anais-do-seminario-1>.
- CRAIDY, Carmem M. *Meninos de rua e analfabetismo*. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 87 p.

- FELTRAN, Gabriel. Margens da política, fronteiras da violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo. *Lua Nova*, São Paulo, 79: 201-233, 2010.
- FISCHER FERREIRA, Rosa Maria. *Meninos da rua. Valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo: Ibrex, 1979. 173 p.
- FONSECA, C. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez Editora, 2002. 152 p.
- FRANGELLA, S. M.. *Capitães do asfalto: a itinerância como construtora da sociabilidade de meninos e meninas "de rua" em Campinas*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- GREGORI, M. F. *Viração: experiências de meninos nas ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 262 p.
- GUIRADO, M. *A criança e a FEBEM*. São Paulo: Perspectiva, 1980. 207 p.
- LUPPI, C. A.. *Agora e na hora de nossa morte: o massacre do menor no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1982. 200 p.
- MAKOWSKI, Sara. Ciudad de México: territórios de la exclusion. *Espaço Plural*, Cascavel, Ano VIII, Nº 17, 2007, p. 9-16.
- MALFITANO, A. P. S. *A tessitura da rede: entre pontos e espaços. Políticas e programas sociais de atenção à juventude – a situação de rua em Campinas, SP*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2008.
- MARCILIO, M. Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998. 331 p.
- PASSETTI, E. Crianças carentes e políticas públicas. In: Priore, M. L. M.. (Org.). *História da Criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999. 176 p.
- PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene. (Orgs.). *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano Del Niño: Editora Universitária Santa Úrsula - CESPI/USU: Amais Livraria e Editora, 1995. 384 p.
- SILVA, Hélio; MILITO, Claudia. *Vozes do meio-fio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1995. 192 p.
- VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. *O dilema do decente malandro*. São Paulo: Cortez, 1982. 196 p.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2000. 265 p.

Recebido em: 02/09/2011

Aceito para publicação em: 02/09/2011